
A POÉTICA DA CRIAÇÃO CIENTÍFICA: REFLEXÕES KANTIANAS SOBRE VERDADE E ANTIVERDADE NO SENTIDO EXTRAEMPÍRICO

THE POETICS OF SCIENTIFIC CREATION:
KANTIAN REFLECTIONS ON TRUTH AND ANTI-TRUTH
IN THE EXTRA- EMPIRICAL SENSE

LA POÉTICA DE LA CREACIÓN CIENTÍFICA:
REFLEXIONES KANTIANAS SOBRE LA VERDAD Y LA ANTI-VERDAD
EN EL SENTIDO EXTRAEMPÍRICO

Patrícia Kauark-Leite¹

RESUMO

Este trabalho busca mostrar, em primeiro lugar, que Kant assume uma posição nitidamente antirrealista nos *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza* ao rejeitar o atomismo a favor do dinamismo. Nesse livro ele recorre a argumentos cujo valor epistêmico não reside na ideia da verdade como correspondência nem na ligação semântica entre conceito e mundo. Essa posição é defendida aqui como ficcionalista, pois se funda no ideal de unidade sistemática e harmônica da teoria projetado de modo totalmente ficcional pela razão. Em segundo lugar, este trabalho pretende aproximar essa posição kantiana da posição ficcionalista de Nietzsche tal como interpretada e desenvolvida por Vaihinger no último capítulo do seu livro *A Filosofia do Como Se*. Em terceiro lugar, buscaremos demonstrar que tal afinidade entre Kant e Nietzsche a partir da perspectiva do ficcionalismo pode ser também estabelecida a partir de duas influências comuns: a do escritor grego Luciano de Samósata e do filósofo Roger Boscovich. O título deste trabalho procura assim refletir esse possível diálogo entre dois dos maiores representantes do ficcionalismo epistêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Kant, Nietzsche, Luciano, Boscovich, ficcionalismo, ciência

ABSTRACT

This work, first of all, seeks to show, that Kant takes a clearly anti-realist position in the *Metaphysical Foundations of Natural Science* by rejecting atomism in favor of dynamism. In this book, he resorts to arguments whose epistemic value is not based on the idea of truth as correspondence or on a semantic connection between concept and world. Such a position is defended here as fictionalist because it is based on the ideal of systematic and harmonic unity of the theory projected in a totally fictional way by reason. Secondly, this work intends to bring this Kantian position closer to Nietzsche's fictionalist position as interpreted and developed by Vaihinger in the last chapter of his book *The Philosophy of "As If"*. Third, we will seek to demonstrate that such affinity between Kant and Nietzsche from the perspective of fictionalism can also be established from two common influences: that of the Greek writer Luciano de Samosata and the philosopher Roger Boscovich. The title of this work thus seeks to reflect this possible dialogue between two of the greatest representatives of epistemic fictionalism.

KEYWORDS: Kant, Nietzsche, Luciano, Boscovich, fictionalism, science

¹ Doutora em Ciências Humanas e Sociais - *École Polytechnique*. Paris, França. Professora do Departamento de Filosofia - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, MG - Brasil. Pesquisadora 1-D do CNPq. E-mail: pkauark@ufmg.br; <https://orcid.org/0000-0001-6400-2820>

Submetido em: 02/08/2022 - **Aceito em:** 28/02/2023 - **Publicado em:** 31/03/2023

RESUMEN

Este trabalho, em primeiro lugar, busca mostrar que Kant toma uma posição claramente antirrealista em los Fundamentos Metafísicos de las Ciencias Naturales al rechazar el atomismo en favor del dinamismo. En este libro Kant recurre a argumentos cuyo valor epistémico no se fundamenta en la idea de la verdad como correspondencia ni en el vínculo semántico entre concepto y mundo. Tal posición se defiende aquí como ficcionalista porque se basa en el ideal de unidad sistemática y armónica de la teoría proyectado de manera completamente ficcional por la razón. En segundo lugar, este trabajo pretende acercar esta posición kantiana a la posición ficcionalista de Nietzsche según la interpretación y desarrollo de Vaihinger en el último capítulo de su libro *La filosofía del "como si"*. En tercer lugar, buscaremos demostrar que tal afinidad entre Kant y Nietzsche desde la perspectiva del ficcionalismo también puede establecerse a partir de dos influencias comunes: la del escritor griego Luciano de Samosata y la del filósofo Roger Boscovich. El título de este trabajo busca así reflejar este posible diálogo entre dos de los máximos representantes de la ficcionalidad epistémica.

PALABRAS-CLAVE: Kant, Nietzsche, Luciano, Boscovich, ficcionalismo, ciência

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da "história universal": mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer. – Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. Houve eternidades, em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido. Ao contrário, ele é humano, e somente seu possuidor e genitor o toma tão pateticamente, como se os gonzos do mundo girassem nele. Mas se pudéssemos entender-nos com a mosca, perceberíamos então que também ela boia no ar com esse *pathos* e sente em si o centro voante desse mundo. Não há nada tão desprezível e mesquinho na natureza que, com um pequeno sopro daquela força do conhecimento, não transbordasse logo como um odre; e como todo transportador de carga quer ter seu admirador, mesmo o mais orgulhoso dos homens, o filósofo, pensa ver por todos os lados os olhos do universo telescopicamente em mira sobre seu agir e pensar. (NIETZSCHE, 2007, p. 25-26)

1 INTRODUÇÃO

A posição antirrealista que atribuo a Kant em relação ao problema da verdade científica (KAUARK-LEITE, 2021, 2023) tem sido sempre objeto de inúmeras objeções. A aproximação que procuro estabelecer entre ciência e arte, realçando o papel do gênio e da imaginação científica na criação de ficções não só para a arte, mas também para a compreensão científica do mundo, é vista por vezes com desconfiança. Diante da minha defesa do ficcionalismo científico de origem kantiana, alega-se que ciência e verdade são indissociáveis e que esta é incompatível com as ficções de natureza essencialmente poética e artística criadas pela imaginação humana. A ciência, defendem os objetores, seria o domínio da descoberta de verdades pré-existentes, e a arte, o da invenção e da criação. Levantar dúvidas sobre a relação da verdade como correspondência entre teoria e mundo seria um contrassenso ou, pelo menos, algo que não encontraria respaldo no projeto crítico kantiano. Este trabalho é uma tentativa de responder a essas objeções. Procurarei sustentar, com base

na interpretação de Hans Vaihinger e aprimorada por Leonel Ribeiro dos Santos, que o ficcionalismo atribuído a Nietzsche tem origem kantiana.

Chamo de ficcionalismo científico à tese segundo a qual ideias inventadas pela razão, de natureza eminentemente metafísica, são ficções que atuam como elementos estruturadores das teorias. A defesa do ficcionalismo científico implicaria assim a adoção de uma posição antirrealista sobre o estatuto das entidades teóricas contidas nessas ideias, uma vez que tais ideias carecem de relações de referência com entidades reais pré-existentes e independentes da mente.

O ficcionalismo científico que defendo e atribuo a Kant se apoia em três de seus textos: o Apêndice à Dialética Transcendental da *Crítica da razão pura*, onde ele discorre sobre o uso regulativo das ideias da razão pura; a segunda parte da *Crítica da faculdade de julgar*, onde encontramos a justificação de uma causa cósmica inteligente como uma ficção heurística na forma do juízo reflexionante; e a Dinâmica dos *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*, quando Kant rejeita a tese atomista a favor do dinamismo. Nesses textos identificamos um ficcionalismo robusto, que amplia nossa perspectiva de compreensão do que seja a atividade científica.

Essa tese das ideias da razão com ficções científicas nos é sugerida pelo filósofo neokantiano Hans Vaihinger (2011) que, em seu livro *A Filosofia do como se*, argumenta a favor dos conceitos científicos como ficções heurísticas. A ênfase maior dessa perspectiva de análise é direcionada para os princípios regulativos da faculdade da razão, em detrimento dos princípios constitutivos da faculdade do entendimento e, portanto, com privilégio da Dialética Transcendental sobre a Analítica Transcendental da primeira *Crítica*. Além desse texto, o ficcionalismo que defendo adquire maior robustez sob o cenário crítico mais amplo que Kant nos descortina com a introdução dos juízos reflexionantes na terceira *Crítica*. É sobretudo na segunda parte da *Crítica da faculdade de julgar*, sobre a faculdade de julgar teleológica, que identificamos um papel ficcional importante desempenhado pela causalidade teleológica para a constituição da ideia de natureza como sistema orgânico com consequências importantes para a filosofia das ciências.

Na perspectiva de Vaihinger, tudo aquilo que em uma teoria científica não nos é dado imediatamente pela intuição empírica é considerado ficção. Nesse sentido, o conceito de átomo é uma ficção criada pela imaginação científica, como também é a ideia dinamista da matéria. No âmbito mais geral da filosofia, a coisa em si também é uma ficção, assim como também é a separação entre coisa em si e aparência fenomênica. Nesse sentido, não sendo a coisa em si propriamente “uma coisa”, mas *uma ideia*, ela permite ampliar nossa perspectiva ou ponto de vista de compreensão do mundo.

É a partir dessa interpretação de Vaihinger que então procuro analisar o papel da criatividade na ciência, sendo esta entendida não como cópia ou espelho da realidade, mas como invenção humana. Além de Vaihinger, Leonel Ribeiro dos Santos (2012b) é para mim uma fonte de inspiração em suas reflexões sobre a poética kantiana da criação científica. Leonel belamente define as ideias como poemas da razão em consonância com o texto do Apêndice da Dialética Transcendental da *Crítica da razão pura*, onde Kant expõe as ideias como ficções heurísticas.

Neste trabalho endossarei o ficcionalismo de Vaihinger e Ribeiro dos Santos, procurando mostrar que essa perspectiva de análise está presente na posição nitidamente antirrealista que Kant assume nos *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza* ao rejeitar o atomismo a favor do dinamismo. A metafísica científica kantiana recusa argumentos cujo valor epistêmico se assentaria na ideia da verdade como correspondência, ideia essa que implicaria no espelhamento entre conceito e mundo. Ao invés disso, Kant apela para uma unidade sistemática e harmônica da teoria, que ele introduz através de princípios regulativos, enriquecendo muito o debate acerca do papel da imaginação científica. Minha tentativa é também fornecer novos elementos em prol a afinidade entre Kant e Nietzsche, estabelecida a partir do ficcionalismo, proposta por Vaihinger no último capítulo do seu livro *A Filosofia do Como Se*. O título deste trabalho procura assim refletir esse possível diálogo entre dois dos maiores representantes do ficcionalismo epistêmico.

2 O PROBLEMA

Em seu texto, *Nietzsche and his doctrine of conscious illusion*, Vaihinger identifica no ensaio nietzschiano, *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, os ingredientes essenciais do que ele chama de ficcionalismo. A célebre fábula de Nietzsche citada mais acima como epígrafe e que inicia a referida obra é a própria materialização do seu ficcionalismo. Ele nos apresenta o problema epistêmico da verdade não através de argumentação lógica, mas sob a forma de uma ficção: “Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento...”. Por se basear na linguagem que por natureza é deficiente, a verdade se mostra como um agregado de “metáforas, metonímias e antropomorfismos” que não correspondem à realidade. Em sua poética filosófica Nietzsche indaga e responde:

O que é afinal a verdade? É um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, uma suma de relações humanas, que foram poética e retoricamente sublimadas, transpostas, adornadas, e que, depois de um longo uso, parecem a um povo como firmes, canônicas, vinculativas: as verdades são ilusões que esquecemos que o são, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível, moedas que perderam a sua imagem e que agora são tidas não já como moedas mas apenas como metal. (NIETZSCHE, 2007, p.36-37)

Ao negar a teoria da verdade como correspondência, Nietzsche, nos oferece um outro critério bem mais inclusivo, por abranger na esfera epistêmica outros saberes além do científico. Como ressalta Pimenta Neto (1997, p. 53), “[a] predicação de verdade a um saber poderia prescindir do aval do princípio de correspondência, postulando em seu lugar uma medida, comparativamente, mais compreensiva e flexível”. No ficcionalismo nietzschiano, a relação intrínseca entre arte e ciência fica ainda mais explícita em *Humano, demasiado humano*, no capítulo sobre a alma dos artistas e escritores, onde Nietzsche conclui de forma categórica: “O homem científico é a continuação do homem artístico” (2005, § 222). Assim, como enfatiza Medrado (2011, p. 302), nem mesmo “os conceitos científicos escaparão ao título de *ficção*”. E, continuando, ela afirma: “[é] essa origem ficcional e criativa dos mecanismos utilizados pela ciência o que fará com que ela seja vista em íntima analogia com a arte”.

Essa aproximação entre o artista e o cientista sob a tônica do ficcionalismo eu também identifico em Kant com base não na primeira, mas na terceira *Crítica* (KAUARK-LEITE, 2017, 2018, 2023). Mas é Hans Vaihinger quem ressalta a influência kantiana na obra de Nietzsche. Escreve Vaihinger (2011, p. 652):

Até agora houve uma total falta de reconhecimento desta origem kantiana ou, se se prefere, neokantiana da doutrina nietzscheana. [...] Nietzsche tem de facto muito de Kant, não, por certo, do Kant dos livros escolares, [...] mas do espírito de Kant, do autêntico Kant, aquele que viu a aparência até às suas mais profundas raízes, mas que, tendo visto em profundidade a aparência, também viu e reconheceu com consciência a sua utilidade e necessidade.

A influência de Kant sobre o ficcionalismo de Nietzsche também é reconhecida por Leonel dos Santos (2012, p. 235-236):

Hans Vaihinger (1852-1933) foi, de facto, um dos primeiros a reconhecer a substância e a significação filosóficas da obra de Nietzsche e terá sido também o primeiro e um dos poucos até à actualidade a reconhecer não só a dívida efectiva de Nietzsche em relação a Kant como também uma profunda e essencial afinidade entre o pensamento nietzscheano e o pensamento kantiano, a qual não fora, enquanto tal, percebida, e ainda menos reconhecida e assumida, pelo próprio Nietzsche, mormente na sua fase mais madura de pensamento. Para além das palavras e apesar das palavras de Nietzsche contra Kant e contra a filosofia kantiana, o Professor de Halle consegue assim descortinar no autor de *O anticristo* um genuíno kantiano, mas de um “outro Kant” e talvez mesmo, segundo ele, do “autêntico Kant”, que ele próprio também descobrira e revelara, aquele Kant que havia posto em evidência o papel fundamental e positivo das ficções em todas as criações do espírito humano que têm que ver não só com a ciência, a metafísica e a arte, mas também e sobretudo com a moral e a religião; em suma: o Kant do *Als Ob*.

Porém essa abordagem ficcionalista da verdade científica não é consensual nem entre kantianos nem entre nietzschianos. Entre estes últimos, por exemplo, William Mattioli (2021), em seu recente texto “O que há de verdade na ciência e como ela é possível em meio ao erro”, faz a defesa de um Nietzsche muito mais naturalista do que ficcionalista, com base na

noção de verdade como correspondência presente no texto *Humano, Demasiado Humano*. Segundo Mattioli, a concepção de verdade de Nietzsche presente nesse texto parece desafiar o ficcionalismo em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. Em suas palavras:

No quadro geral das afirmações sobre a ciência e a verdade aludidas acima, a verdade comparece como correspondência com o real – ou ao menos, enquanto meta da disposição do espírito investigado, como exigência de correspondência com o real, em seu sentido mais direto e intuitivo. (MATTIOLI, 2021, p. 161-162)

Nos deparamos assim com uma divergência significativa de interpretações sobre a concepção da verdade em Nietzsche. Qual delas seria a correta: aquela que toma a verdade como ficção criada pelo espírito humano, como sustenta Pimenta Neto e Medrado, ou esta defendida por Mattioli que sustenta a verdade como correspondência ao real? Ou ainda caberia indagar se é possível compatibilizar essas duas posições a princípio antagônicas.

Esse mesmo conflito transparece quando faço a defesa de uma posição kantiana antirrealista e ficcionalista, baseando-me na interpretação de Vaihinger e Leonel Ribeiro dos Santos, em detrimento da explícita posição de Kant na *Crítica da razão pura* a favor da verdade como correspondência. No início da lógica transcendental, Kant faz quase uma profissão de fé, declarando admitir e pressupor a definição nominal da verdade como concordância entre o conhecimento e seu objeto (KrV A 57-58/B 82-83). Como compatibilizar o Kant da primeira *Crítica*, que pressupõe uma concordância entre o mecanicismo causal e o mundo físico, com o Kant da terceira *Crítica*, que nos revela a necessidade de uma teleologia ficcional para a compreensão da natureza? Ou como compatibilizar o Kant ficcionalista com o Kant que tem como base essa teoria mais conservadora sobre a verdade como correspondência?

É a esse conflito interpretativo que vou me dedicar neste breve artigo, numa tentativa também de aproximar esses dois gigantes da filosofia a partir de duas referências em comum: Luciano de Samósata e Roger Joseph Boscovich. O primeiro, um escritor satírico grego nascido em cerca de 120 DC, o segundo, um teólogo jesuíta, físico, cosmólogo, matemático e poeta, nascido na República de Ragusa e que viveu entre 1711 e 1787.

3 KANT, NIETZSCHE E LUCIANO: VAIDADE E IRONIA EM TORNO DO PROBLEMA DA VERDADE

Kant introduz o problema da verdade na *Crítica da razão pura* de forma irônica, valendo-se da metáfora satírica da ordenha do bode cuja origem parece ser o livro de Luciano sobre a vida do satirista Demônax. Vejamos primeiro a passagem de Luciano (2015, §28, p. 136):

Vendo certa vez dois filósofos totalmente ignorantes discutindo sobre um problema qualquer, um colocando questões absurdas e o outro dando respostas que não tinham nada a ver com o assunto, Demônax diz:

— Meus amigos, eu tenho a impressão de que um de vocês ordenha um bode e o outro põe debaixo um coador.

E agora vejamos o texto de Kant na *Crítica da razão pura* onde a metáfora de Luciano aparece:

A velha e famosa pergunta pela qual se supunha levar a parede os lógicos, tentando força-los a enredar-se em lamentável dialeto ou a reconhecer a sua ignorância, por conseguinte, a **vaidade** de toda a sua arte, é esta: *Que é a verdade?* A definição nominal do que seja a verdade, que consiste na concordância do conhecimento com o seu objeto, admitimo-la e pressupomo-la aqui; pretende-se, porém, saber qual seja o critério geral e seguro da verdade de todo o conhecimento.

É já grande e necessária prova de inteligência ou perspicácia saber o que se deve perguntar de modo racional. Pois que se a pergunta é em si disparatada e exige respostas desnecessárias tem o inconveniente, além de envergonhar quem a formula, de por vezes ainda suscitar no incauto ouvinte respostas absurdas, apresentando assim o ridículo espetáculo de duas pessoas, das quais (como os antigos diziam) uma ordenha o bode enquanto outra apara com uma peneira. (KANT, KrV, A 57-58/B 82-83)²

Mas não deixa de ser curiosa a forma como Kant introduz o problema da verdade em sua primeira *Crítica*, primeiro apelando para a vaidade dos lógicos de se ocuparem dele, segundo valendo-se da metáfora de Luciano para ilustrar o esvaziamento de sentido em torno das polêmicas em torno da questão, quando ela é tratada de maneira inapropriada. Para ele o principal parece ser não a definição nominal da verdade, o que seria apenas uma explicitação analítica do que estaria já contido no conceito e não haveria sentido polemizar em torno disso, mas qual “o critério geral e seguro da verdade de todo o conhecimento”. O principal não é a concordância, pois é possível pensar que mesmo no caso de uma ficção o que está em jogo é critério de concordância ficcional entre o conhecimento e seu objeto. Invertendo a famosa epígrafe de Manoel de Barros (2003), em suas *Memórias Inventadas*, “tudo o que não invento é falso”, podemos dizer que toda verdade reside na invenção,

² O padrão de citação das obras de Kant está em conformidade com as referências usuais das abreviaturas preparadas pela *Kant-Forschungsstelle der Johannes Gutenberg-Universität Mainz*.

mesmo mantendo a concordância da criação com o objeto que ela se relaciona e, portanto, a definição nominal da verdade como correspondência.

Kant (HN, AA 18: 225) cita explicitamente Luciano em suas reflexões metafísicas, sendo, portanto, um fato que ele o conhecia. A referência nominal a Luciano aparece justamente em suas anotações sobre a fonte da ilusão da razão de se valer de ideias transcendentais como referentes ao mundo. Ele também se valeu da mesma metáfora da ordenha do bode na sua *Dissertação de 1770* para caracterizar o conflito vazio em torno do sensível e inteligível.

Daí que alguns levantem questões vazias acerca do lugar das substâncias imateriais no universo corpóreo (no entanto, precisamente porque são imateriais, delas não é dada nenhuma intuição sensível nem, sob tal forma, representação alguma), acerca da sede da alma e outras questões desse gênero, e, visto que o que é sensível é inconvenientemente misturado ao que é intelectual, como o quadrado ao círculo, acontece no mais das vezes que, dos contedores, um parece ordenhar um bode e o outro aparar com a peneira. (KANT, MSI, AA 02: 414, §27)

De novo o que está em jogo aqui tem a ver com relação entre ficção e verdade, que se instancia também na relação entre o que é percebido (sensível) e o que é pensado (inteligível). Kant considera em sua lógica transcendental que o critério da verdade, que é o que de fato importa, só pode ser pensado em uma relação judicativa. E nesse contexto só tem sentido falar numa relação não entre dois mundos (o sensível e o inteligível), que é fonte de ilusões metafísicas, mas entre dois tipos diferentes de juízos: o juízo empírico (sensível) e o juízo inteligível (metafísico). Apenas no caso dos juízos empíricos é possível estabelecer uma relação de concordância direta entre o conteúdo do juízo e a intuição empírica correspondente. Assim, quando se trata de juízos empíricos a velha definição nominal da verdade é mantida.

Mas nem só de juízos empíricos vive a ciência. Além dos juízos meramente formais do entendimento puro, como o da substância e o da causalidade, e dos juízos matemáticos, a ciência pressupõe também um outro tipo de juízo material de conteúdo metafísico, de natureza ficcional, em que nenhuma intuição sensível lhe é correspondente. Assim, em um juízo deste tipo, não é possível falar de uma relação de correspondência entre o conteúdo expresso na relação judicativa e algum objeto inteligível intelectualmente intuível. Trata-se neste caso de juízos pertencentes a uma metafísica científica, uma parte importante da ciência, tão fundamental quanto a parte empírica. Na ausência de uma intuição empírica correspondente ao conceito ou ao conteúdo da ideia, não temos outro recurso senão utilizar intuições aproximadas, criadas pela faculdade da imaginação, em sentido metafórico, mas jamais intuições de objetos da experiência sensível, como no caso dos juízos empíricos. Em situações como essas a definição nominal da verdade como correspondência parece não se aplicar.

Entretanto, não é possível afirmar que os juízos metafísicos, por não se referirem a uma intuição particular, não guardam qualquer relação com a experiência possível. São esses juízos como proposições da razão em seu uso reflexionante com vistas a proporcionar a maior unidade sistemática possível às proposições empíricas elaboradas pela ação do entendimento. Em suas anotações em que cita Luciano, Kant (HN, AA 18: 224) afirma:

No entendimento, os conceitos se conformam à experiência possível, mas para a razão, a experiência possível se conforma aos conceitos, assim como a prática de toda virtude deve se conformar a conceitos e só é possível por meio deles, embora ela nunca alcance o conceito.

Há assim uma validade objetiva das ideias da razão, mesmo que estas tenham sido por ela inventadas. A ilusão metafísica que Kant tão bem problematiza reside em tomar os juízos reflexionantes e regulativos como determinantes e constitutivos, gerando uma confusão absurda entre a ordem do inteligível e a do sensível, ou entre a ordem da razão e a do entendimento. É apenas em referência a esta última ordem que se pode aplicar a definição da verdade como correspondência.

A metáfora da ordenha do bode no texto kantiano não passou despercebida a Freud, que a cita a fim de afastar hipóteses sem sentido para a análise do caso Schreber:

De outra maneira, nossas tentativas de elucidar os delírios de Schreber conduziram-nos à posição absurda descrita no famoso símile de Kant na *Crítica da Razão Pura*: seríamos como um homem a segurar uma peneira debaixo de um bode, enquanto alguém o ordenha. (FREUD, 1911, p. 34).

A referência de Kant à metáfora de Luciano ao se referir ao problema da verdade é a expressão genuína da ironia filosófica, artifício tão bem explorado por Nietzsche. Luciano é também uma das principais fontes de inspiração do filósofo de Zaratustra sobretudo na fábula que inicia o texto da *Verdade e mentira no sentido extramoral*. A influência do satirista grego sobre ele é enfatizada entre outros por Babette Babich (2012) e Joan B. Linhares (2015). No comentário deste último, ele afirma: “E é assim, de fato, que se inicia: com uma fábula que lembra sátiras célebres de Luciano de Samósata, de Voltaire e Swift, narrando a breve invenção do conhecimento por parte de alguns astutos animais em um afastado rincão do universo”(p. 63).

Não podemos deixar de comparar a referência à mosca nessa fábula citada acima como epígrafe (*Mas se pudéssemos entender-nos com a mosca, perceberíamos então que também ela boia no ar com esse pathos e sente em si o centro voante desse mundo*) com o *Elogio da Mosca*, de Luciano (2010). Isso nos faz suspeitar que, nesse elogio que faz à mosca, comparando a sua visão de mundo com a do homem, Nietzsche tem em mente o texto do satirista grego. Esses autores são reconhecidamente os que mais transitaram na fronteira entre verdade e ficção e entre filosofia e literatura. Da parte de Luciano (2008, p. 7), ele assume: “me voltei para a mentira, em muito mais honesta que a dos demais, pois ao menos

nisto direi a verdade: ao afirmar que minto”. E em Nietzsche (2007, p. 27), lemos: “Como um meio para a conservação do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação”.

Não deixa de ser curiosa a relação entre verdade e vaidade presente nos textos tanto de Kant quanto de Nietzsche. Em Kant (KrV A 57-58/B 82), lemos: “A velha e famosa pergunta pela qual se supunha levar à parede os lógicos, tentando força-los a enredar-se em lamentável dialelo ou a reconhecer a sua ignorância, por conseguinte, a **vaidade** de toda a sua arte, é esta: *Que é a verdade?*. Essa frase encontra ressonância no texto de Nietzsche (2007, p. 28): “o constante saracotear em torno da chama única da vaidade, constitui a tal ponto a regra e a lei que quase nada é mais incompreensível do que como pôde vir à luz entre os homens um legítimo e puro impulso à verdade”. A verdade que a princípio seria uma virtude epistêmica é apresentada nesses dois excertos como um vício moral dos filósofos. Tal relação entre verdade e vaidade no discurso filosófico não estaria distante também da ironia crítica de Luciano ao dogmatismo filosófico.

4 KANT, NIETZSCHE E BOSCOVICH: O FICCIONALISMO DA TEORIA DINAMISTA

Outra influência comum a Kant e Nietzsche e que permite estabelecer uma relação muito próxima entre eles é Roger Joseph Boscovich (1711-1787), autor de *Philosophiae naturalis Theoria*. Nesse livro, em oposição à teoria atomista, Boscovich defende uma teoria dinamista da matéria, similar àquela exposta por Kant nos *Princípios metafísicos da ciência da natureza*. Do lado nietzschiano, não são poucos os comentadores a reconhecer a importância do modelo teórico-matemático de Boscovich para o desenvolvimento do pensamento de Nietzsche (Itaparica, 2003; Gori, 2007; e Mattioli, 2021). Itaparica (2003, p. 163) chega mesmo a afirmar que Boscovich foi “uma das principais fontes de Nietzsche na elaboração do seu conceito de vontade de potência”.

O filósofo de Zarathustra não apenas o cita algumas vezes, como também se apropria de sua teoria dinamista para a sua concepção sobre a relação entre crença e conhecimento. Em *Além do Bem e do Mal*, encontramos a seguinte referência a Boscovich:

Graças, antes de tudo, ao polonês Boscovich, que foi até agora junto com o polonês Copérnico o maior e mais vitorioso adversário da evidência. Pois enquanto Copérnico nos persuadiu a crer, contrariamente a todos os sentidos, que a Terra *não* está parada, Boscovich nos ensinou a abjurar a crença na última parte da terra que permanecia firme, a crença na “substância”, na “matéria”, nesse grão, nesse resíduo e partícula da terra, o átomo: o maior triunfo sobre os sentidos que até então se obteve na terra. (NIETZSCHE, 1992, § 12, p. 19)

Nessa citação, além da menção a Boscovich e da recusa ao atomismo, há uma clara referência não apenas à revolução copernicana, mas ao sentido epistêmico que Kant dá a essa revolução. Nela Nietzsche assume claramente uma posição contrária tanto ao realismo da

coisa em si quanto ao empirismo fundado na crença alicerçada na percepção sensível, sugerindo um aprofundamento da revolução copernicana por parte de Boscovich.

Convém assinalar que o modelo dinamista de Boscovich, em relação à teoria da matéria, apesar de não o citar, é também o mesmo utilizado por Kant, no segundo capítulo dos *Princípios metafísicos da ciência da natureza*. Aí o filósofo alemão expõe uma versão modificada e radicalmente mais dinamista da sua monadologia física anteriormente desenvolvida. Em seu livro sobre a teoria da matéria de Galileu e Kant, Thomas Holden se refere à tese dinamista endossada por Nietzsche como teoria do átomo de força de *Kant-Boscovich* (*The Kant–Boscovich Force-Shell Atom Theory de Kant–Boscovich Force-Shell Atom Theory*). Da mesma forma, em seu livro *Kant’s construction of nature*, Michael Friedmann sustenta que não há como separar a teoria de Kant da teoria de Boscovich, embora ambos reconheçam que a teoria dos átomos de força de Boscovich coincide mais com a monadologia física (1756) do Kant pré-crítico do que com a teoria dinamista presente no texto da metafísica da natureza de sua fase crítica.

É interessante notar que no século XVIII, Kant e Boscovich são vozes solitárias na defesa da teoria dinamista. A corrente principal da época constituída majoritariamente por grandes filósofos e cientistas defendia o atomismo. E o argumento principal de Kant na defesa do dinamismo contra o atomismo não é de modo algum o da verdade como correspondência, isto é, não é com base numa relação referencial entre o “átomo de força” postulado pela teoria e um elemento real no extrato inobservável da natureza. Kant apela para um argumento epistêmico que permitirá uma maior integração sistêmica entre os princípios da mecânica de Newton e os da dinâmica do interior da matéria. Nesse sentido ele defende a tese da divisibilidade infinita da matéria contra a ideia do átomo. Assim eu acharia mais apropriado chamar a teoria de Kant-Boscovich de teoria do *campo de força*, mais do que de teoria do *átomo de força* como nomeou Thomas Holden. Isso porque o que está em jogo é uma protoideia relativa ao conceito de campo, que vai surgir no século XIX, no quadro da teoria eletromagnética. Kant prefere explicar fenômenos observáveis como o da densidade ou da impenetrabilidade da matéria, apelando não a uma imagem aleatória de átomo que descreveria o interior da matéria, mas ao conceito dinâmico de força que tem como fundamento um princípio teórico.

Na teoria dinamista da matéria defendida por Kant, podemos apreciar uma relação intrincada entre juízos empíricos ou fenomênicos e juízos metafísicos. Juízos empíricos, como é o caso da proposição “o chumbo é mais denso do que a madeira”, são proposições baseadas na verdade como correspondência entre a proposição e a intuição sensível. Devo reconhecer com Zeljko Loparic que no âmbito do cânone doutrinal do idealismo crítico kantiano o critério da verdade como correspondência é aplicado à teoria dos juízos determinantes ou constitutivos. Nas palavras de Loparic:

um juízo sintético consistente (...) é capaz de ser verdadeiro ou falso – e, por conseguinte, justificado ou refutado, pelo menos em princípio – se duas condições semânticas forem preenchidas. Em primeiro lugar, o juízo deve conter, além de termos lógicos, somente conceitos objetivamente válidos. Em segundo lugar, dever ser possível interpretar sua forma discursiva por formas intuitivas dáveis na intuição sensível, pura ou empírica. (2000, p. 203)

Compartilho também do entendimento de Henry Alisson de que o mundo a ser cientificamente explicado é o mundo fenomênico, empiricamente intuível e que, portanto, é um delírio metafísico a postulação de dois mundos: um sensível e outro inteligível.

Porém, a explicação científica não se esgota nas proposições empíricas. O juízo de que a matéria é divisível ao infinito, tendo como fundamento um campo entre forças atrativas e repulsivas, é antes um juízo metafísico não sujeito à definição da verdade como correspondência, tendo, portanto, uma função eminentemente heurística. Assim além do cânone doutrinal é preciso admitir, com também faz Loparic, um cânone heurístico, que leva em conta o postulado da razão: “encontrar para o conhecimento condicionado obtido pelo entendimento, o incondicionado pela qual sua unidade é levada a completar-se” (Kant, KrV, A307/B364). Assim, além do esquematismo real (transcendental), próprio do entendimento em seu uso determinante, devemos considerar o esquematismo por analogia (simbólico), próprio da razão em seu uso reflexionante e antirrealista.

Assim, enquanto William defende que, com base em Boscovich, a posição dinamista de Nietzsche “se aproxima de um realismo científico moderado” e, portanto, de um naturalismo, defendendo que a posição dinamista de Kant, com base no mesmo Boscovich, se “aproxima de um antirrealismo científico”. Assim, creio que a posição de Nietzsche sobre a ciência seria muito mais defensável como antirrealista do que como realista científico moderado. Nietzsche é mais radical do que moderado. Acho que nesse sentido a interpretação que faz Vaihinger de Nietzsche e sua aproximação de Kant pela teoria do ficionalismo é muito mais interessante para se compreender a dinâmica da criação científica.

5 CONCLUSÃO

Com Nietzsche quero também afirmar que “o homem científico é a continuação do homem artístico” (Nietzsche, HH, § 222). Essa é uma posição que podemos defender também em Kant, tomando como referência mais a terceira do que a primeira *Crítica*. Com base no Kant de Vaihinger e de Leonel R. dos Santos e contra a posição defendida por Mattioli quero crer que é a pretensão naturalista de transfigurar a verdade em detrimento da ficção a fonte da ilusão racional.

Contudo, não compartilho com Vaihinger a ideia de que os juízos interpretados como princípios ficcionais do “como se” se aplicariam a todos os juízos científicos. O filósofo neokantiano estende a noção de ficção para além das ideias metafísicas, considerando que até mesmo os conceitos matemáticos, físicos e de jurisprudência são construtos ficcionais. Mesmo reconhecendo o papel das máximas ou princípios do “como se” na teoria kantiana da ciência, é possível assumir uma posição mais nuançada do que a de Vaihinger, como nos sugere Loparic. Este é mais precavido em relação ao radicalismo da posição de Vaihinger, reservando o termo ficção apenas para as ideias metafísicas ou máximas da razão. Como ficções, ele ressalta, “alguns objetos do pensamento podem, entretanto, ser representados intuitivamente, de modo indireto, por diferentes tipos de estruturas de dados intuitivos, chamadas de símbolos e esquemas analógicos” (Loparic, 2000, p.126).

No §49 de sua terceira *Crítica*, Kant considera a ideia da razão como a contraparte da ideia estética. Se a ideia estética é caracterizada como uma representação da imaginação sem que nenhum conceito seja a ela adequado, a ideia da razão é definida como “um conceito ao qual nenhuma intuição (representação da imaginação) pode se adequar” (Kant, KU, AA 05: 314). Kant aqui não afirma em relação às ideias da razão que nenhuma intuição corresponde ao conceito, mas que, nenhuma intuição pode ser a ele adequada. Nesse âmbito entra em cena o jogo entre imaginação e razão, produzindo esquemas simbólicos ou analógicos, em que as representações da imaginação podem ser usadas apenas como analogias. Nesse âmbito das ideias da razão, entra em cena o jogo entre imaginação e razão não na produção de esquemas transcendentais, como no caso do papel reservado à imaginação na primeira *Crítica*, mas de esquemas simbólicos ou analógicos, em que seus produtos ficcionais podem ser usados apenas como analogias. No entanto, as ideias com referentes numerais jamais podem ser tomadas como asserções legítimas e permanecem sempre como proposições indecidíveis, isto é, sem valor de verdade. Contudo, elas podem ser sempre interpretadas como “fundamentos fictícios”, projetados metodologicamente pela razão para dar sentido e unidade às séries empiricamente condicionadas segundo o princípio da causalidade mecânica.

Desta forma, a razão científica cria representações conceituais, para as quais nenhuma intuição é adequada, a serviço de uma extensão máxima da atividade do pensamento. Porém, diferentemente da arte, que não pode prescindir das ideias estéticas e que, para a produção de obras de arte, o entendimento se coloca a serviço da imaginação; no caso da ciência, que não pode prescindir das ideias da razão, a imaginação se coloca a serviço do entendimento, em um uso ao mesmo tempo dialético e analítico. Imagens intuitivas produzidas pela imaginação produtora funcionam apenas como analogias em modelos heurísticos que cumprem uma função teórica importante. Isso significa que os conceitos ou ideias metafísicas da razão, mesmo não se encaixando exatamente a nenhuma intuição, orientam a pesquisa

científica no estabelecimento de novos modelos, ao assumir uma função muito mais reguladora do que constitutiva e muito mais reflexiva do que determinante.

A função heurística das analogias simbólicas confere organicidade e unidade, não à natureza em si, mas ao pensamento e seus produtos. Assim, como nos ensina Loparic, em sua semântica transcendental, ao cânone doutrinal que se ocupar com o problema do critério da verdade, deve ser acrescido o cânone heurístico identificado com o que Leonel Ribeiro dos Santos chama apropriadamente de “poética da invenção científica”. Como reconhece o próprio físico Niels Bohr, um dos pais da mecânica quântica, “devemos deixar claro que, quando se trata de átomos, a linguagem só pode ser usada como na poesia” (apud Heisenberg, 1971, p. 41).

Nesse sentido, é possível conciliar o Kant da primeira *Crítica*, que pressupõe a ideia de verdade como concordância entre o mecanicismo causal e o mundo físico, com a metafísica da natureza de Kant, reveladora de princípios ficcionais inventados por uma razão eminentemente heurística. Da mesma forma, entre os intérpretes de Nietzsche, a concepção da verdade como ficção criada pelo espírito humano, como sustenta Pimenta Neto e Medrado, pode ser compatibilizada com aquela defendida por Matioli da verdade como correspondência ao real, desde que tenhamos em mente uma concepção mais arejada e menos dogmática da atividade da ciência.

REFERÊNCIAS

- ALLISON, Henry. **Kant's transcendental idealism**. New Haven and London: Yale University Press, 2004.
- BABICH, Babette. **Nietzsche's philosophy of science: reflecting science on the ground of art and life**. Albany: State University of New York Press, 1994.
- BABICH, Babette. Nietzsche's Zarathustra and parodic style: on Lucian's hyperanthropos and Nietzsche's übermensch. **Diogenes**, v. 58, n.4, p. 58-74, 2012.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BOSCOVISCH, Roger Joseph. **Philosophiae naturalis Theoria**. London: Open Court, 1922.
- FREUD, Sigmund. Psycho-analytic notes on an autobiographical account of a case of paranoia (Dementia Paranoides). Trad. J. Strachey. **Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud**, v. 12. London: The Hogarth Press, 1911.
- FRIEDMAN, Michael. **Kant's construction of nature: a reading of the Metaphysical foundations of natural science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GORI, Pietro. **La visione dinamica del mondo**: Nietzsche e la filosofia naturale di Boscovich. Napoli: La Città del Sole, 2007.

HAN-PILE, B. Aspectos transcendentais, compromissos ontológicos e elementos naturalistas no pensamento de Nietzsche”. Trad. André Luís Mota Itaparica. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 29, 2011.

HEISENBERG, Werner. **Physics and Beyond. Encounters and Conversations**. Trad. Arnold J. Pomerans. New York: Harper, 1971.

HOLDEN, Thomas. The Kant–Boscovich Force-Shell Atom Theory. In: HOLDEN, Thomas. **The architecture of matter, Galileo to Kant**. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 236-272.

ITAPARICA, A. Nietzsche e Boscovich: dinamismo e vontade de potência. In: AZEREDO, Vânia Dutra. **Encontros Nietzsche**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

JAMMER, Max. Dynamism: Leibniz, Boscovish, Kant, Spencer. In: JAMMER, Max. **Concepts of force; a study in the foundations of dynamics**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1957.

KANT, Immanuel. Uso da metafísica unida à filosofia natural cujo espécime I contém a Monadologia Física. Trad. José Andrade. In: KANT, Immanuel. **Textos pré-críticos**. Porto: Rés, 1983.

KANT, Immanuel. **Primeiros princípios metafísicos da ciência da natureza**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 7, 1990.

KANT, Immanuel. Forma e princípio do mundo sensível e do mundo inteligível. Trad. Paulo Licht dos Santos. In: KANT, Immanuel. **Escritos pré-críticos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Fernando Costa Matos. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

KANT Immanuel. **Crítica da faculdade de julgar**. Trad. Fernando C. Matos. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Univ. São Francisco, 2016.

KAUARK-LEITE, Patrícia. Kant, ciência e sensus communis. **Estudos Kantianos**, Marília, v. 5, n. 1, p. 283-294, jan./jun., 2017.

KAUARK-LEITE, Patrícia. Kant and Scientific Explanation Beyond Mechanical Causation. In: WAIBEL, Violetta L.; RUFFING, Margit; WAGNER, David. **Natur und Freiheit: Akten des XII. Internationalen Kant-Kongresses**. Berlim: De Gruyter, 2018. p. 1261-1268.

KAUARK-LEITE, Patrícia. Ouse Criar! Por um iluminismo poético. In: SILVA, Sérgio Antônio; CASTELLO BRANCO, Lúcia; KRUCKEN, Lia. **4 Inutilidades para um mundo bárbaro**. Salvador: Editora Duna, 2021.

KAUARK-LEITE, Patrícia. Normativity and reflective causal inference. In: CARANTI, Luigi; PINZANI, Alessandro. **Kant and the problem of knowledge. Rethinking the contemporary world**. Abington: Routledge, 2023. ISBN: 978-0-367-90316-9.

KAUARK-LEITE, Patrícia. A role for creative imagination in Kant's theory of science. In: SILVA, Fernando; CARANTI, Luigi. **Personality and humanity in Kant: theoretical, moral and anthropological perspectives**. London: Routledge & CRC Press, no prelo.

KAUARK-LEITE, Patrícia. Kant and the heuristic function of images: the poetics of scientific investigation. In: DMITRIEVA, Nina; HANNA, Robert; and CHALY, Vadim. **Kant and the Ethics of Enlightenment: historical roots and contemporary relevance**. Kaliningrad: Immanuel Kant Baltic Federal University Press, no prelo.

LINHARES, Joan B. Filosofia e linguagem no jovem Nietzsche. **Cad. Nietzsche**, v.36 n.1, p. 45-81, 2015.

LOPARIC, Zeljko. **A semântica transcendental de Kant**. Campinas: CLE-UNICAMP, 2000.

SAMÓSATA, Luciano de. Vida de Demônax. Trad. Olimar Flores Júnior. In: BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Biografia literária**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

SAMÓSATA, Luciano de. Elogio da Mosca. Trad. Guilherme Ivo. **Revista Literária em Tradução**, n.1, p. 170-178, 2010.

SAMÓSATA, Luciano de. **Das narrativas verdadeiras**. Tradução, Notas e Estudo de Lúcia Sano. São Paulo: USP, 2008.

MATTIOLI, William. Ontologia e ciência na crítica de Nietzsche à metafísica em humano, demasiado humano. **Kriterion**, n. 145, p. 231-259, 2020.

MATTIOLI, William. O que há de verdade na ciência e como ela é possível em meio ao erro? Incursões no projeto naturalista de humano, demasiado humano. In: COSTA, Gustavo B. N.; FREITAS, Jéssyca A. de; SOUZA, Roger K. A. de. **Nietzsche e a verdade: aparência, erro, engano**. Fortaleza: Editora da UECE, 2021, p. 154-184.

MEDRADO, Alice. Ciência como continuação da arte em Humano, demasiado humano. **Cadernos Nietzsche**, n. 29, p. 203-308, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres (HH)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. Organização e Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

PIMENTA NETO, Olímpio. A invenção da verdade. **Em Tese**, v. 27, n. 3, p. 50-55, 1997.

RIBEIRO DOS SANTOS, Leonel. A 'vontade de aparência', ou o Kantismo de Nietzsche segundo Hans Vaihinger. **O que nos faz pensar**, v. 32, p. 234-253, 2012a.

RIBEIRO DOS SANTOS, Leonel. **Ideia de uma Heurística Transcendental: Ensaio de Meta-Epistemologia Kantiana**. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2012b.

VAIHINGER, Hans. **A filosofia do como se. Sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade na base de um positivismo idealista**. Tradução de Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos-Editora da UnoChapecó, 2011.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho faz parte das atividades do Projeto Kant na América do Sul (KANTINSA), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), Nº APQ-000179-18, e pelo programa de investigação e inovação Horizon 2020 da União Europeia, nos termos da convenção de subvenção Marie Skłodowska-Curie n.º 777786.

Meus sinceros agradecimentos a Lúcia Castello Branco, Simone Moschen, e Rosi Bergamaschi pelo convite para participar deste dossiê, e a Virginia Araújo Figueiredo, por sua leitura cuidadosa.

Revisão gramatical realizada por: Virginia Araújo Figueiredo.

E-mail: virfig1955@gmail.com